

Percursos Pedestres Geoturísticos



Trilhos do Conhal



Percursos Pedestres Geoturísticos

Geopark Naturtejo da Meseta Meridional



Trilhos do Conhal

Concelho: Nisa		Partida e chegada: Arneiro	
Extensão: 9,8 km	Duração: 3h30	Nível de dificuldade: Médio	
Interesse Geológico: garganta epigénica do Tejo, minas de ferro e ouro, Falha do Ponsul, Graben do Arneiro, cristas quartzíticas, arcoses e terraços fluviais.			
Atravessar a serra, contemplar o voo silencioso das aves e apreciar os fenómenos geológicos da Serra de S. Miguel é o que se pode fazer ao longo deste trilho, enquanto se aprecia o vale do Tejo, o Monumento Natural das Portas de Ródão e os vestígios romanos da gigantesca exploração aurífera do Conhal do Arneiro.			



Na região do Conhal do Arneiro registam-se vários tipos de rocha que representam os últimos 600 milhões de anos da história da Terra.

Destacam-se os xistos e os grauvaques do Grupo das Beiras, os xistos e os quartzitos do Ordovícico (480-435 milhões de anos) e os conglomerados recentes.

O Conhal do Arneiro caracteriza-se, essencialmente, por duas unidades: as arcoses da Beira Baixa e os terraços fluviais do Tejo. As arcoses, pertencentes ao Grupo da Beira Baixa, com origem na erosão das rochas graníticas, terão sido depositadas há 50-30 milhões de anos ao longo de rios efémeros que corriam pela planura árida.

Os terraços fluviais são testemunhos das modificações climáticas que decorrem durante a última Era Glaciar. O rio Tejo, a partir do momento em que passa a correr no sentido do Atlântico há 2,6 milhões de anos, sofre um rápido e profundo encaixe no vale onde se formam vários terraços em escadaria, correspondendo cada um a antigas planícies de cheia onde se depositam sedimentos mais ou menos grosseiros, testemunhos da energia das águas.



1ª Paragem

Existe uma curiosa lenda associada à **Buraca da Faiopa**. Diz-se que uma tal D. Urraca se perdeu de amores por um mouro. Este, para se encontrar com a amada, atravessava o rio por debaixo do seu leito através de um imenso túnel que ligava a Faiopa ao Castelo. O marido de D. Urraca, quando descobriu a traição da esposa, atou-lhe uma mó ao pescoço e atirou-a a um poço ou ao Tejo.

A existência de fracturas preenchidas com goethite/limonite e a abundância de fracturas no seu interior leva a pensar que terá sido uma mina de ferro.



2ª Paragem

Do **Miradouro das Portas** é possível observar toda a extensão do Conhal do Arneiro. Ocupa uma área de cerca de 100 hectares entre o ribeiro do Vale e a Serra de S. Miguel. O que se pode ver é um grande conjunto de calhaus rolados de quartzito a que se dá o nome de conhos.

3ª Paragem

Na **frente de exploração** observa-se uma escarpa vertical em região plana que corresponde a uma frente com mais de 10m nas Arcoses da Beira Baixa (50-30 Ma). Existem concavidades, “colheradas” nas arcoses, que são testemunho da injeção da água. A Formação Cabeço do Infante é composta por arenitos arcósicos com lenticulas conglomeráticas.



4ª Paragem

O **Castelejo** corresponde a um relevo com 15m de altura, destacando-se dos alinhamentos de estêreis grosseiros. Trata-se da superfície erosiva do terraço T3.

É possível presumir uma origem artificial relacionada com a evolução do desmonte, que era feito através de injeção de água sob pressão nos sedimentos. Os sedimentos mais grosseiros eram retirados para as margens dos canais, em conheiras, e os mais finos, depois de bateados, eram libertados para o rio através de canais de evacuação.



5ª Paragem

O canal de evacuação de estéreis nasce na extremidade do conhal e estranhamente corre linearmente numa superfície plana até ao lago de decantação. Aqui eram separados os elementos mais finos. O canal desagua no rio Tejo com incisão profunda num vale em U bastante largo, criado pelo Homem.

Lago de decantação



6ª Paragem

O **conho gigante** é um grande bloco quartzítico com 1,5m X 1,2m, com cerca de 2,5 toneladas, com arestas polidas que demonstram a grande capacidade erosiva e de transporte do rio Tejo, há 60-50 mil anos durante a formação do terraço T3. Os calhaus de grande dimensão arredondados indica tanto o transporte prolongado como um rio grande caudal.

Conho Gigante



7ª Paragem

No substrato está o **Grupo das Beiras**, formado por xistos de grauvaques do Grupo das Beiras formados no oceano profundo que banhava o continente Gondwana.

O ouro aparece em sedimentos fluviais (aluvião) – ouro secundário, tendo sido explorado a céu aberto. A erosão das formações xisto-grauváquicas e graníticas com filões de quartzo leva ao transporte do ouro nos sistemas de drenagem. Devido à

Filões de quartzo



densidade, o ouro deposita-se quando a eficiência da rede de drenagem diminui, acumulando-se na matriz areno-argilosa dos depósitos de terraço fluvial, imediatamente a jusante das Portas de Ródão, onde o Tejo se espalha e perde

competência sedimentando largo volume de sedimentos, na área deprimida da bacia endorreica (sem ligação ao Oceano Atlântico) e mais tarde nos conglomerados do terraço T3.

